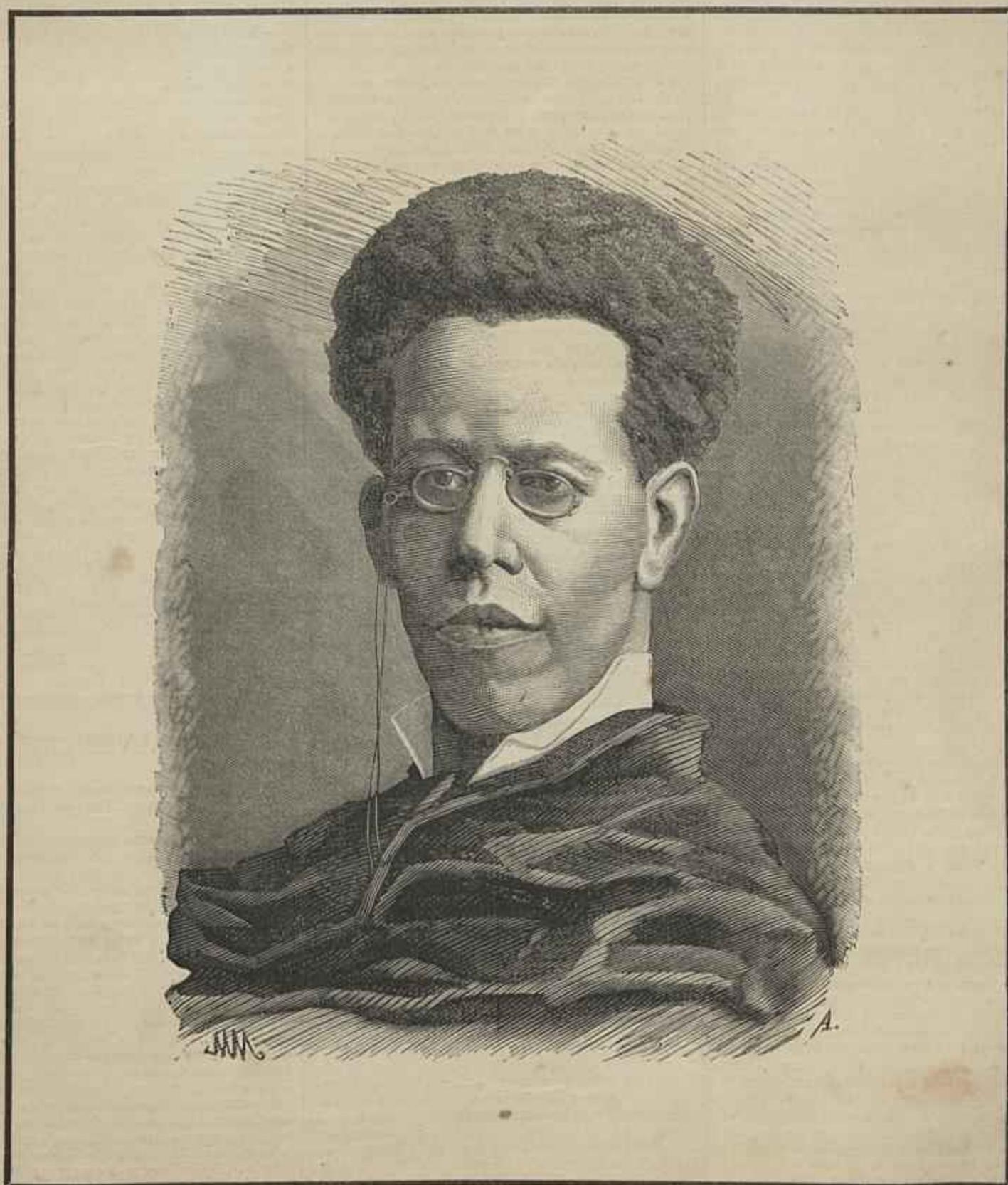


OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 162	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 43 Todos os pedidos de assignatura deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresza.
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	21 DE JUNHO 1883	
Possensões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-	-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-	-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-	-		



ANTONIO CANDIDO GONÇALVES CRESPO — Fallecido em 11 de cettere (Segundo uma photographia de Fritz)

CHRONICA OCCIDENTAL

A fatalidade enviou-nos um assumpto inesperado e doloroso para esta chronica de hoje — a morte de Gonçalves Crespo.

A doença terrível prostrava-o de ha muito no leito, as alternativas d'essa doença, as suas hesitações perdidas, ora desconsolavam profundamente, ora davam alegres esperanças, aos intimos do grande poeta, que o acompanhavam n'essa luta tragica com a morte: nós, cá de longe, procurando com a anciedade com que procuraríamos informações d'um parente querido, as noticias de Gonçalves Crespo, tivemos sempre a confiança de que elle triumpharia d'essa doença, que a sua mocidade, que a sua apparente robustez, que a sciencia poderosa e a amizade extremosissima dos que o tratavam, sahiam victoriosos d'essa longa e dolorosa luta.

Quando um dia soubemos que Gonçalves Crespo estava irremediavelmente perdido, que a morte se rira de tanta juventude, de tanta felicidade, de tanto talento, de todos os esforços heroicos da sciencia humana, e que era o epilogo fatal e proximo d'essa existencia radiosa e querida, tivemos uma enorme tristeza no coração, um momento de profundo desconsolo por este mundo tão triste e extranho, um momento de indignada revolta contra essa coisa estúpida e ironica, implacavel e sarcastica que nos governa, que nos domina, que nos subjugua, e que se chama para uns a Providencia, para outros a Fatalidade, para todos — o Destino.

É incompreensivel e é embecil esse destino. É no momento mais radiante da vida de um homem, d'um homem bom, d'um homem util, d'um homem grande, d'um homem que era uma gloria e era um pae, que tinha no mundo a cumprir duas missões das mais graves, das mais serias, das mais grandiosas, illustrar a sua patria e educar os seus filhos: justamente no momento em que uma herança farta dando a independencia aquelle que até então tivera sempre que lutar pela existencia de cada dia, lhe dava a despreocupação dos pequenos nada indispensaveis da vida, o complemento da ventura do seu *menage* delicioso, e o futuro amplo e tranquillo para os seus trabalhos d'artista e de poeta: é justamente no momento em que a riqueza entrando-lhe pela porta dentro, era para elle uma recompensa e para as letras uma esperança: que a morte vem estúpida e cruel, arranca-o dos braços amantissimos d'uma esposa, que é uma excepção entre as mulheres, pelas virtudes do seu coração, e pelas sintillações do seu talento, arranca-o ao affecto dos seus amigos, que ninguém os teve mais e melhores que Gonçalves Crespo, porque ninguém mais e melhor do que elle os sabia conquistar, arranca-o á admiração e á sympathia e ás esperanças d'um paiz inteiro, que via n'elle uma das suas maiores glorias d'amanhã, uma das suas maiores glorias d'hoje.

E assombrosa e fulminante esta ironia da sorte, este esmagamento aniquilador do Destino!

A morte de Gonçalves Crespo foi um golpe pungentissimo para todo o paiz, foi uma catastrophe para todos que o conheciam de perto como homem e como poeta.

Glorioso e celebre aos 36 annos, na idade que lá fóra é a infancia dos grandes homens, Gonçalves Crespo possuia todas as qualidades de espirito e de coração que fazem d'um homem uma celebridade e uma sympathia.

Teixeira de Queiroz que foi um dos seus maiores amigos, e que o acompanhou ao cemiterio chorando como uma criança, elle o analysta frio, o positivista insensivel, conta na biographia de Gonçalves Crespo duas anedoctas de viagem que provam bem a fascinação extraordinaria, que o grande poeta das *Miniaturas* e dos *Nocturnos* exercia sobre todos que d'elle se approximavam.

Um dia em Coimbra — conta Teixeira de Queiroz, e tão bem que em vez de resumir transcrevo, — metteu-se n'uma carruagem de primeira classe com destino á estação da Povoia. Dentro d'essa carruagem, estava, commodamente embrulhado, dormitando, um velho, que nos primeiros minutos se mostrara completamente indifferente á entrada do novo viajante. Era um homem de aspecto mediano, face serena, cabelos e barbas brancas, fazendo lembrar as de Victor Hugo. Crespo com as maneiras de *gentleman* com que sabe tratar, cumprimentou o velho dando-lhe as — boas noites *meu caro senhor*. Porém, ainda cinco minutos não eram passados, ainda o comboio não tinha partido, já o tratamento era de *meu caro amigo*, e o velho magnetizado pelo riso attractivo e bom do seu interlocutor, nem dera pela rapidez da intimidade...

O que se passou durante essa jornada soube-se depois por uma carta recebida pelo dr. Bernardino Machado que o tinha acompanhado ao comboio. Essa carta terminava pouco mais ou menos assim:

«O dianho do velho não me deixou ficar na Povoia. Fez-me perder um dia de jornada. No Entroncamento obrigou-me a participar da sua optima ceia. Não imaginas, filho!... eram frangãos, perdises, vinhos antediluvianos, e marmelada! Vim com elle até Lisboa, e mandou-me na sua carruagem para o Tojal. Dianho do velho, tem uma optima carruagem, muito mais commoda do que o selim do *cavallicoque* que me esperava na estação da Povoia!» Tempos depois este illustre cavalheiro, passando outra vez por Coimbra parou, exclusivamente, para visitar o seu amigo Gonçalves Crespo.

E era assim, bastava ver Gonçalves Crespo cinco minutos para se ficar amigo d'elle toda a vida.

E que nunca conheci pessoa alguma em que o dom magnetico da sympathia fosse mais intenso e mais poderoso.

E depois essa sympathia que surgia de repente como o *coup de foudre* de que falla Sthendal, transformava-se rapidamente em amizade, em amizade profunda pelas revelações immediatas e successivas d'aquelle caracter esplendido, unico, sem defeitos, que tinha por base uma delicadeza excessiva e extraordinaria, excepcionalmente constante, como raras ha no mundo.

Foi em Braga, uma noite, ás 2 horas, na rua de S. João, que eu conheci Gonçalves Crespo. Eu recolhia de casa do visconde de Pindella, ao hotel da Joanninha, com o Luciano Cordeiro e Magalhães Lima. Na rua de S. João, quasi ao pé do hotel, encontramos o Crespo e o João Penna. Travamos ali conhecimento, começamos a conversar, e eram cinco horas da manhã, ainda nós estávamos na cervejaria da praça de Santa Anna, a cavaquear.

E quando entrei no Hotel, era já amigo sincero, entusiasta, dedicado d'aquelle rapaz, que horas antes não conhecia ainda.

Depois estivemos annos sem nos vermos; encontramos-nos mais tarde em Lisboa, fallamo-nos frequentes vezes mas não convivemos muito, cada um afastado por seu lado, nas suas obrigações.

Um dia, ha dois annos, quando o meu amigo o editor Mattos, me convidou para lhe dirigir uma publicação, a *Chronica Moderna*, pedi a Gonçalves Crespo para ser meu collaborador.

Accedeu logo, com aquella amabilidade risonda e delicadissima com que elle não sabia dizer que não.

— Então escreve-me um artigo qualquer para o numero que vem?

— Escrevo; respondeu elle.

D'alli a dias recebia em minha casa a seguinte carta:

«Meu caro Gervasio.

«Você de certo leu aquelle periodo chistosissimo e cheio de verdade, da carta do Eça de Queiroz ao Pinheiro Chagas, em que elle falla de umas certas botas que rangem sinistramente no corredor, botas que pertencem a um determinado homem que vem buscar o artigo prometido n'uma hora expansiva. Como eu me lembro d'esse periodo da carta do Eça, com eu me lembro!

«Mas você é meu amigo; não dê cabo de mim! Eu, é verdade, que prometti, mas quando larguei essa promessa, não sabia os perigos d'ella. Francamente gosto de escrever para a *Chronica Moderna*, honro-me em ser no seu futuro collaborador, mas por Deus, acabrunha-me, esmaga-me a idéa de que amanhã, depois d'amanhã, hei de ouvir o sinistro ranger das botas de um homem, n'aquelle corredor, defronte d'aquella porta!

«E d'ahi? dirá você. D'ahi vem, que não posso prometter ao certo o artigo. Posso fazel-o e posso não fazel-o. Como você, seria bom se me dissesse onde eu o podia encontrar ao certo para discutirmos este caso!

«Lisboa, 18 — 1 — 81.

«Gonçalves Crespo.»

N'esta carta está o homem e o artista. O artista perfeito, o burilador escrupuloso, o cinzelador delicado, a quem repugna o trabalho feito á pressa do jornal, que quer estar só, tranquillo, despreocupado com a sua obra, até a deixar completa e perfeita, acabada, sem ter a fatalidade do tempo a marcar-lhe o acabamento; e o homem delicadissimo, cheio de melindres no cumprimento d'uma promessa feita a correr, no meio

da rua, uma d'essas promessas que todos os dias se fazem ás cem, e a que todos os dias se falta ás mil, um ingenuo das letras, para quem essa promessa pezava na consciencia e na vida como se fosse um compromisso grave.

E não foi só a carta.

No dia immediato, pela manhã, Gonçalves Crespo entrou em minha casa, sentou-se defronte de mim, na minha mesa de trabalho, para me ajudar e fazer qualquer coisa, para me compensar da falta que o original que elle me devia mandar me fizesse, para me mostrar amplamente que não era a falta de vontade que o obrigára a não cumprir a sua promessa, para me demonstrar finalmente com todos os requintes de amabilidade que não havia nem podia haver no mundo, alma mais boa, caracter mais leal, homem mais attencioso e delicado.

E foi assim que Gonçalves Crespo atravessou a vida semeando por toda a parte sympathias, amidades fortes, sinceras e duradouras.

O OCCIDENTE hoje publica o retrato do grande poeta, e a sua biographia litteraria feita por um dos seus mais intimos amigos, e como elle um dos mais finos cinzeladores do verso portuguez.

Nós não podemos deixal-o sumir no tumulo sem lhe dizermos angustiados e compungidos este supremo adeus!

— Vae longa esta chronica, e nas poucas linhas que nos restam não podemos cumprir ainda a nossa promessa de fallar do novo livro de Teixeira de Queiroz.

Os outros assumptos d'estes dez dias são de pouca importancia: a prorrogação e adiamento das camaras, uma coisa de que o paiz já não faz caso, porque já notou que quanto mais tempo as camaras estão abertas menos coisas se fazem; a descoberta d'uma companhia d'olho vivo, que não é a primeira, e com certeza não é a ultima que ha na nossa abençoada terra, onde cada um trata de chegar a brasa a sua sardinha, sem se importar de quem é o lume, nem de se queimar n'elle; a revelação d'um atelier de fabricação de letras dentro da cadeia do Limoeiro, que decididamente está sendo a mais activa officina de crime que ha em Portugal, um verdadeiro congresso permanente de ladrões e de assassinos que deliberam e operam socegadamente em commum, com todas as garantias solidas de fazerem bom trabalho; e a appareção no salão do theatro da Trindade d'uma pequena companhia de Flamencas, que trouxe para a antiga travessa do Secretario de Guerra, as lascivas danças da Andaluzia, com a sua musica selvagem, e os seus requebros phantasticos que fazem pensar nos allucinados *bayaderas*.

E entretanto o verão chega, o calor aperta, em Lisboa, em Hespanha, a ponto de atirar com a companhia do theatro do Gymnasio do Colyseu de Barcelona, para o theatro de S. Geraldo de Braga, os reis passeam, os theatros fecham-se, e Lisboa toma sorvetes no Ferrari, vê touradas no Campo de Sant'Anna, e aposta libras nas corridas do Hypodromo.

Gervasio Lobato.

GONÇALVES CRESPO

Os homens notaveis semelham-se ás grandes arvores, quando caem. Parecem maiores na posição horizontal.

Isto dizia ha pouco de um vulto politico, que baqueou de improviso, um escriptor traçando-lhe o retrato.

Com o poeta que acaba de morrer não se dá esse phenomeno tão natural.

Cahido, a sua estatura tem as mesmas dimensões grandiosas que os contemporaneos viram n'elle desde que leram o seu primeiro verso.

Ao contrario do que succede a tantos não lhe foi necessario morrer para ser considerado um grande artista.

A perfeição intangivel da sua obra, a sua individualidade original e bondosa, collocaram-n'o acima dos odios e invejas que amesquinham os combatentes vulgares.

Se a morte, porém, não altera as dimensões da sua estatura, dá-lhe a solemnidade magestosa que inspira uma commoção cheia de respeito a quem tenta esboçar o seu perfil ainda palpitante, com o sentimento doloroso do Tintoretto fixando na tela as feições ideaes do cadaver da filha estre-mecida.

Esboçar, digo, e bem ligeiramente, porque o seu retrato ha de ser feito mais tarde, de gran-

des dimensões, em pé, quando serenar o alvoroço afflictivo causado pela grande perda nas fileiras dos que entraram na vida ao mesmo tempo do que elle, e que como Junqueiro se recordam:

... «do bom tempo d'out'ora

D'um tempo que passou e que não volta mais,
Quando lúmos a rir pela existencia fóra
Alegres como em Junho os bandos dos pardaos.
O'roavam-nos a frente um gládema d'aurora,
E o nosso curaçõ vestido d'esplendor
Era um divino abril radiante onde as abelhas
Vinham sugar o mel na balsamina em flor.
Que doiradas canções nossas bocas vermelhas
Não lançaram então perdidas pelo ar!...
Mil chiméras de gloria e mil sonhos dispersas.
Canções feitas sem versos
E que nós nunca mais havemos de cantar.»

Esse tempo deve formar o fundo do quadro em que se desenhava a figura do poeta.

Alegres aventuras da mocidade em Coimbra, anedoctas a que a sua graça natural dava um sabor tão delicado, longas conversas no lendário quarto da Couraça de Lisboa, cenáculo fecundo onde nasceu a *Folha*, e com ella uma geração de artistas, poesias improvisadas e atiradas aos quatro ventos, hoje da bocca de um camarote, amanhã na abertura de uma escola, esta n'uma ceia de estudantes, aquella á beira da sepultura de um amigo, paginas soltas que formariam um volume delicioso!

Agora que a vida íntima dos escriptores e as origens litterarias das suas obras são assumptos tão apreciados como as proprias obras, nada mais interessante do que conhecer a mocidade agitada do poeta, e o viver tranquillo do seu lar, o que no mundo exterior impressionava o seu espirito tão cheio de observação, e o que lhe doirava a existencia na felicidade da familia, tudo quanto foi suggestão para as duas obras primas: as *Miniaturas* e os *Nocturnos*.

As suas cartas, em que ha qualidades litterarias tão superiores como as tinha no verso, e em que o sentimento sem a preoccupação da publicidade se manifesta desassombadamente, são documentos curiosissimos para a historia litteraria contemporanea, e sobretudo o espelho fidelissimo do seu grande coração.

N'ellas se encontra a par de apreciações justas sobre os homens e os acontecimentos, noticias do seu trabalho sobre qualquer assumpto, que o absorvia como nos absorve tudo quanto adoramos.

De uma vez escreve:

«Comecei um novo trecho metrico. Intitula-se: *A resposta do inquisidor*. É em tercetos de alexandrinos. Se a mania continuar, levarei d'aqui alguns versos para o meu novo volume. Assim elles me sahisses conforme a alta belleza em que os estou ideando.»

De outras vezes diz:

«O rura! Entre o arvoredado na nossa solidão, como sinto o peito dilatar-se-me n'um bem indefinido e ineffavel. Não nasci decididamente para o afivelar constante da mascara social»...

Em quasi todas essas cartas se descobre, entre o sorriso sobre um caso alegre, e o gisar d'uma nova poesia, frequentes notas tristes, d'uma tristeza suave, que entrava em grande parte na composição do espirito do poeta da *Modesta*, da *Arrepêndida*, da *Beira do Mondego*, das *Velhas Negras* e de tantas outras.

«Julgas-me alegre, diz elle, e não sou. Ha tanta tristeza nos meus olhos, repara bem, que eu proprio se acaso os vejo fico triste.»

Mas quando esses momentos passavam e o seu *humour* se manifestava sem reboço, era o mais jovial dos companheiros, o mais despreoccupado dos convivas, como se pôde entrever na biographia, tão cheia de anedoctas, que elle traçou de João Penha, na que d'elle proprio publicou Teixeira de Queiroz, e no que se ha de mais tarde escrever, quando a proximidade da sua morte não der á penna o arpejo do necrologio, e serenamente se poder reconstituir a figura original do escriptor que tem um papel tão brilhante na historia litteraria d'este seculo, iniciado por dois colossos, Herculano e Garrett, e que não é tão pobre de illustrações como se afigura nos que só veem inferioridades no paiz que os viu nascer.

Alguem pensou já em levantar um monumento ao poeta.

No Pantheon nacional, se o houvesse, devia existir effectivamente o sócco para a sua estatua. Entretanto nós, os seus amigos, devemos levantar-lhe outro monumento, não menos honroso e egualmente agradável á sua memoria: a edição definitiva das obras de Gonçalves Crespo.

19—6—83.

Conde de Sabugosa.

NOTAS BIOGRAPHICAS

Antonio Candido Gonçalves Crespo, nasceu no Rio de Janeiro a 11 de março de 1846.

Frequentou a Universidade de Coimbra concluindo a formatura em direito em 1875.

Casou por este tempo com a ex.^a sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, distinctissima escriptora e poetisa.

Em 1879 foi eleito deputado ás cortes por um dos circulos eleitoraes do Estado da India, e da mesma maneira o foi em 1881.

Em 1880 foi nomeado redactor do *Diario das Camaras*, na parte relativa á dos dignos pares do reino.

Fez parte da redacção do *Jornal do Commercio*, e publicou em 1870 um volume de versos com o titulo de *Miniaturas*; em 1882 publicou em collaboração com sua ex.^{ma} esposa um volume intitulado *Contos para os nossos filhos*, e ainda n'esse anno outro volume de poesias sob o titulo de *Nocturnos*.

Faleceu depois de cerca de dois mezes de um padecimento pulmonar, a 11 de junho do corrente anno em sua casa na Travessa do Cemiterio de Santa Catharina n.º 11.

DEZ DIAS EM HESPANHA

NOTAS DE VIAGEM

I

(Continuação do numero antecedente)

Por estas e por outras, rindo-nos dos buffetes dos caminhos de ferro, como de perigo que não nos podia tocar, passámos pelo Entroncamento, comendo descançadamente a nossa vitella e as nossas gallinhas, e olhando sorrindo, para os nossos incautos companheiros de viagem que se precipitavam esfaimados para a grande mesa aberta no meio da sala da estação e que sahiam de lá d'ali a pedaço com a mesma fome talvez, mas não com o mesmo dinheiro, com certeza.

E o comboio continuou o seu caminho a noite estava deliciosa e branca.

A lua n'um ceu muito limpo entornava a jorros sobre os amplos panoramas formosissimos que se succediam rapidos, uma luz clara e tranquilla que desenhava nitidamente em todos os seus contornos as paysagens pittorescas da nossa Extremadura.

De repente esse panorama tomou um aspecto verdadeiramente phantastico.

Do meio do Tejo envoltó nas scintillações argenteas do luar surgira com todo o pittoresco da sua architectura medieval, com todo o encanto das suas lendas tradicionaes, o castello de Almourol, o castello de D. Gualdim, o mestre dos templarios, esse castello lendario como um castello de Rheno, onde o celebre Palmeirim de Inglaterra foi vencido e ferido pelo gigante Almourol, o intrepido *cavalleiro triste*.

Fez-nos completamente o effeito d'uma visão de magica esse esplendido castello em ruinas illuminado pela luz sideral da lua: parecia o oceano maravilhoso d'uma extraordinaria peça phantastica.

E ao contrario de Marianno Pina que, a primeira vez que partiu para Madrid, ao sentar-se na sua carruagem e depois de ver que levava tudo, que não lhe faltava nenhuma mala no seu compartimento, gritou para o comboio, muito distraido e muito convencido — Vamos, pode lá andar! Nós, tivemos vontade de dizer á locomotiva: Pare ahí! e de apaar-nos para ver demoradamente aquelle espectáculo maravilhoso.

Mas o comboio não parou, e o castello d'Almourol, passou pelos nossos olhos como uma miragem do opio, com as suas altas torres coaroadas d'ameas, d'essas torres onde o emir Al-

moroban se precipitou ao Tejo abraçado á sua filha vilmente seduzida pelo cavalleiro christão, essas ameas onde na noite de S. João, a noite dos sortilegios, Beatriz a formosa goda, passeia abraçada ao seu amado pagem mouro emquanto D. Ramiro o sanguinolento godo, se roja aos seus pés devorado pelo remorso pedindo perdão.

E o castello d'Almourol com as suas torres e as suas lendas foi-se esvaecendo n'um horisonte longiuo, e o comboio, nada artista, nada *flâneur*, proseguiu o seu caminho rapido e monotonico, como um *commis voyageur affairé* e consciencioso, que com a sua mala debaixo do braço atravessa Madrid sem parar no museu do Prado.

Horas depois fomos acordados do nosso escapecamento somnolento pela paragem do comboio.

Com os olhos ainda semicerrados ouvimos, n'uma lingua, e com uma inflexão que não era a nossa, o grito de:

— Valencia d'Alcantara.

Levantamo-nos curiosos e fomos á portinhola. Estavamos já em terras de Hespanha. Apeiamo-nos e esbarramos com duas figuras um pouco comicas, um pouco sinistras, embrulhadas n'umas capas, que nos fizeram lembrar uns capotes exquisitos que se usavam na nossa infancia com o nome de Ponches, e com uns chapéus armados postos horizontalmente, como os gatos pingados ricos, de Lisboa.

Era a guarda civil.

O primeiro effeito que nos fizeram esses dois soldados foi muito burlesco.

Julgamo-nos de repente transportados ao Colyseu dos Recreios, e ver representar o *Barberillo do Lavapies*.

Mais tarde, depois de nos habituarmos áquelles fardamentos de opera comica, e quando vimos o bello corpo de guardas civis na parada real, achámol-o magnifico. Naquelle primeiro momento fez-nos uma impressão enorme o elles não cantarem.

Faltava-lhes alguma cousa: tinham a espingarda, o revolver, o chapeu armado, mas faltava-lhes o maestro Catalá.

E elles silenciosos e theatraes passeavam em frente da estação, tendo um não sei que de passáros de museu com as suas capas negras, muito largas em baixo, muito esguias em cima, e sendo olhados com espanto por todos os passageiros, que começavam ali, n'aquelles guardas civis, a sua viagem pelo estrangeiro.

Depois de termos dado uma vista d'olhos pela estação, e tomado uma chavena de chocolate, para que o nosso estomago ficasse tambem percebendo que tinhamos entrado em Hespanha, iam a recolher ao comboio, quando um empregado hespanhol do caminho de ferro nos preveniu com estrema delicadeza, que tinhamos que ir abrir as nossas malas á *duana*.

Muito massados, tiramos as chaves da algibeira, e fomos á tal *duana*, uma casa grande, com um grande balcão cheio de malas, e povoado de guardas fiscaes, de fardamentos acceiadissimos, e todos de lúvas brancas, irreprehensíveis.

Abrimos as malas, elles immergiram nas nossas roupas as suas lúvas alvissimas, ligeiramente, no simples cumprimento d'uma formalidade, e disseram-nos immediatamente:

— Vá-se usted com Dios.

Fomo-nos com Deus e com o Moura Cabral para o nosso compartimento e d'ahi a pedaço o comboio partia e todos nós dormiamos tant mal que bien, excepto Deus, que nos olhava lá de cima de sua grande janella azul pelos olhos luminosos de miriades de estrellas scintillantes...

Pouco a pouco porém essas estrellas foram-se apagando: os alvôres da madrugada vieram ainda encontrar os alvôres do luar, e quando a lua se escondia afogueada, avermelhada como um enorme candeeiro de petroleo, no azul *foncé* do ceu, o sol dourava os phantasticos focos de nuvens brancas, que se accumulavam n'uma desordem funambulesca nos clarões do nascente, e surgia enfim radioso, por entre aquella louca orgia de luz que enchia todo o horisonte de irradições triumphaes e estranhas, como um extraordinario fogo d'artificio feito por qualquer José Rodrigues sublime.

O José Rodrigues d'aquelle esplendido fogo de vistas chamava-se... Deus.

(Continua).

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O GENERAL

JOSÉ MARIA DE MORAES REGO

Quando entrámos para o Real Collegio militar havia ali dois officiaes para quem de alguma maneira não eramos extranho.

Joaquim Firmino de Lemos Corte Real, era o 2.º commandante e fôra o instructor do pae de quem escreve estas linhas, que falleceu em uma cama no Hospital do Carmo, no Porto, proxima aquella em que jazia gravemente ferido o ajudante do batalhão de caçadores n.º 5, José Maria de Moraes Rego, depois ajudante d'aquelle estabelecimento.

Os ferimentos recebidos no campo da batalha, por tempos o faziam soffrer bastante, e ainda nos lembra de o ver, ás vezes necessitado do apoio de uma bengala, para ir ao collegio.

José Maria de Moraes Rego, filho de Luiz Manuel de Moraes Rego, era açoriano, nascido em Angra do Heroismo, na ilha Terceira, a 6 de agosto de 1810.

A 17 de janeiro de 1815 assentou praça no batalhão de artilheria de Angra, tendo a idade de 4 annos, 5 mezes e 11 dias, declarado cadete a 17 de janeiro de 1816, juramento, principiando a servir no batalhão de caçadores n.º 5, em 17 de janeiro de 1825. A 12 de setembro de 1828 foi promovido a alferes para o mesmo batalhão, do qual por decreto de 6 de agosto de 1832 foi nomeado ajudante depois de ter feito a campanha dos Açores, assistindo ás acções da Villa da Praia, tomada das ilhas d'Oeste, e acção da Ladeira da Velha e tomada da ilha de S. Miguel, em que foi ferido gravemente a 2 de agosto de 1831.

Partiu com a expedição para o Porto, desembarcou no Mindello, e seguiu os asares do seu bravo batalhão, assistindo á batalha de Ponte Ferreira dada em 23 de julho de 1832, onde foi contuso.

Por decreto de 17 de maio de 1833 foi nomeado tenente ajudante para o mesmo batalhão, sendo



O GENERAL JOSÉ MARIA DE MORAES REGO — Fallecido em 24 de maio de 1883
(Segundo uma photographia)

escusado dizer que era um bravo, sabendo-se que tinha por commandante o Xavier, depois Conde das Antas.

Servir no batalhão de caçadores n.º 5 era uma gloria, mas era um perigo constante; assim fez n'elle toda a campanha assistindo á acção das Antas, em que foi gravemente ferido, á de 10 de outubro de 1832, sahida das linhas de Lisboa a 5 de setembro de 1833, onde foi ferido levemente.

commandar quando promovido a major por decreto de 23 de março de 1850, contando a antiguidade de 4. Pouco depois era nomeado chefe interino do Estado Maior dos batalhões nacionaes de Lisboa. Foi nomeado 2.º commandante da Guarda Municipal de Lisboa, por decreto de 31 de maio de 1851. Tenente Coronel a 26 de janeiro de 1858 e 2.º commandante do deposito geral de recrutas de Mafra no 1.º de julho de

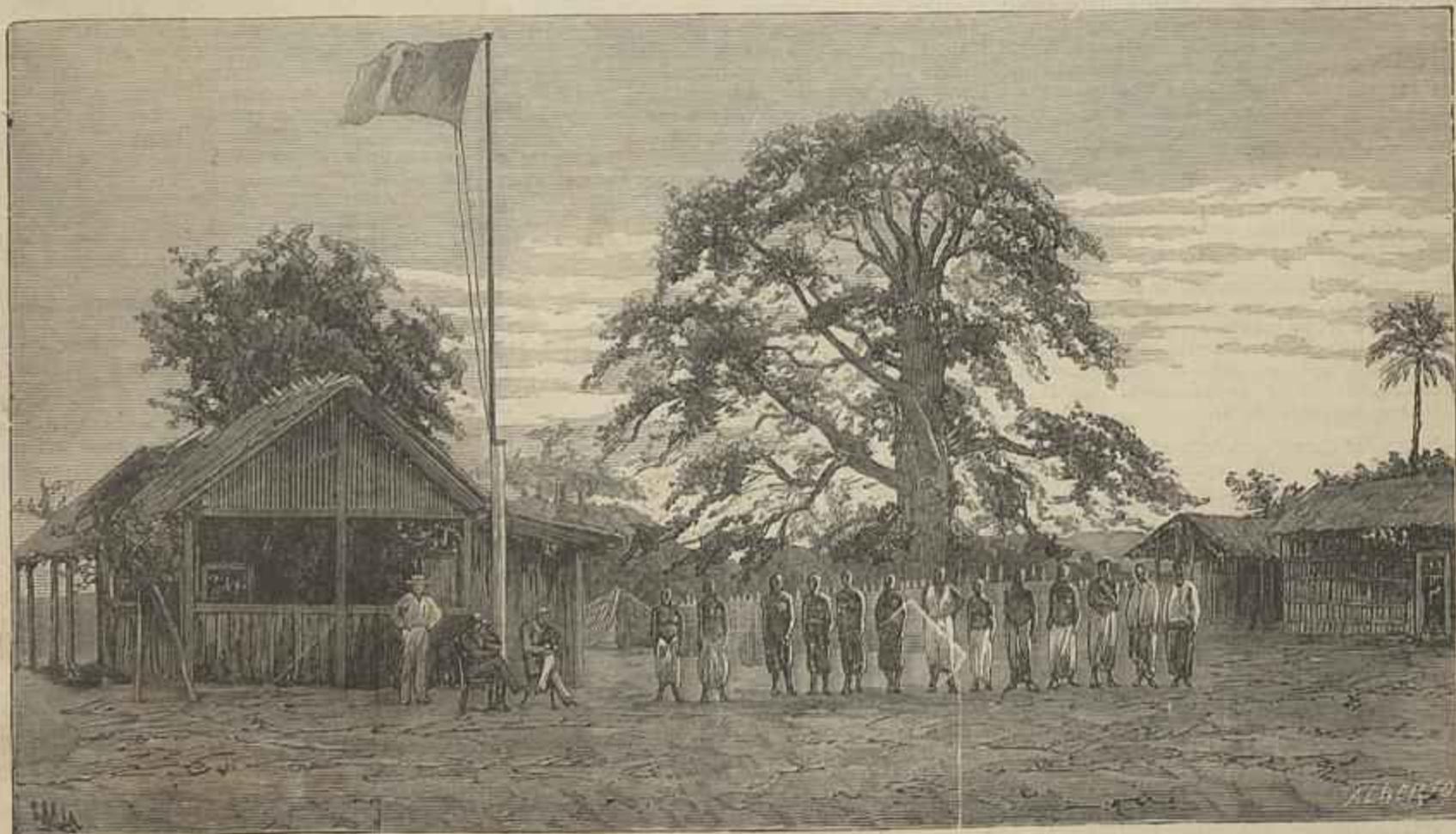
Promovido a capitão para o batalhão naval, em 1 de fevereiro de 1837, passou ao exercito com a antiguidade de 5 de setembro do mesmo anno, e nomeado ajudante do Real Collegio militar, por decreto de 11 de maio de 1838, onde mais tarde o fomos encontrar.

Achando-se no desempenho d'essa commissão, passou por ordem do ministerio da guerra a servir ás ordens do commandante da 1.ª divisão militar, em 15 de janeiro de 1839, 4 de janeiro e 27 de maio de 1840, e 4 de maio de 41, sem que fosse exonerado d'aquella commissão, o que tambem succedeu quando foi collocado no regimento de granadeiros da rainha, por decreto de 10 de dezembro de 1842.

Foi elle quem primeiro poz em pratica com os rapazes do Collegio Militar, a tactica, que ainda não ha muitos annos foi substituida, de cuja execução mostrou a possibilidade apesar de muito complicada.

Emfim pela ordem de 14 de outubro de 1845 foi exonerado da Commissão que exercia no Real Collegio militar.

Quando por effeito da revolução de 6 de outubro e contra-revolução de 9 do mesmo de 1846, se mobilizou o exercito, foi nomeado instructor de recrutas do deposito da Graça, em 14 de fevereiro de 1847, e logo a 1 de março declarado seu commandante. O methodo, ordem e assiduidade que empregou n'este serviço, instruindo milhares de recrutas que foram prehencher as fileiras do exercito foi inexcusavel, e tanto que, apesar de capitão, foi encarregado de organizar o batalhão de caçadores n.º 2, que commandou com esse posto desde agosto d'esse anno, e continuou a



UMA FEITORIA NO ZAIRE (Segundo uma photographia)



VISITA DE SS. MM. FIDELISSIMAS A SS. MM. CATHOLICAS — CHEGADA DE SUAS MAGESTADES FIDELISSIMAS A MADRID — NO BAILE DO PAÇO
EXCURSÃO DOS JORNALISTAS A TOLEDO — SARAU NO «CENTRO MILITAR»

1859. Coronel em 8 de fevereiro de 1861. General de brigada a 26 de janeiro de 1870 e comandante de uma das brigadas de instrução e manobra. N'esse mesmo anno foi elevado aos conselhos da corôa, entrando como ministro da guerra no gabinete presidido pelo Marquez, depois duque, d'Avila e Bolama.

Depois foi por alguns annos director da administração militar, dando desenvolvimento a esse ramo de serviço fazendo montar em diversos pontos as padarias militares.

Em 1881 foi encarregado da inspecção dos corpos de infantaria e caçadores, sendo promovido a general de divisão, em 1882, foi nomeado commandante da 4.ª divisão militar, e pouco depois interino da 3.ª divisão militar, substituindo no seu impedimento o valente conde de Torres Novas; no Porto adoeceu e recolhendo a Lisboa falleceu a 24 de maio do corrente anno.

Tinha a medalha de D. Pedro e D. Maria, algarismo 9, era commendador da Torre Espada, de que era cavalleiro desde 6 de outubro de 1832, de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Grão Cruz de S. Bento de Aviz, de Carlos 3.º de Hespanha pelos serviços prestados nas acções de 22 e 23 de julho do mesmo anno, etc.

Foi valente e honrado soldado.

UMA FEITORIA NO ZAIRE

Entre as feitorias portuguezas que bordam as margens do rio Zaire e cujo mappa se pôde ver a pag. 118 do presente volume, existe, em Cinda, a que a nossa estampa hoje representa. Remetemos os nossos leitores para o artigo *O major João Carlos Ribeiro e a sua commissão no Congo* para se orientarem sobre a extensão do commercio n'aquella rica localidade.

VISITA DE SS. MM. FIDELISSIMAS A SS. MM. CATHOLICAS

As gravuras que hoje publicamos representam a entrada do monarcha portuguez em Madrid, o baile dado em honra de SS. MM. no palacio real de D. Afonso XII. O sarau do centro militar de Madrid em honra da imprensa portugueza, e o passeio offerecido pelos jornalistas madrilenos aos seus collegas de Portugal ao Palacio e ao asylo do Pardo. O OCCIDENTE já se referiu ligeiramente na chronica do seu ultimo numero a todas estas festas, e narra-as-ha mais minuciosamente a seu tempo no artigo: *Dez dias em Madrid*, que tem em publicação.

AUGUSTO FERNANDO GERARD

O eximio artista, de que damos o retrato a pag. 144, nasceu em Paris em agosto de 1796, na freguezia de Santo Eustaquio, mas quasi se pôde considerar portuguez, porque veio para Portugal na idade de 18 annos, e aqui viveu até aos 86 annos, fallecendo no dia 29 de maio ultimo, em sua casa na rua Nova do Desterro, 40, 1.º, pelas 3 horas da tarde.

Aos 18 annos de idade, Gerard não seria um artista consumado, entretanto tinha cursado a escola de Bellas Artes de Paris, onde fôra premiado e estava ao facto dos processos praticos da sua arte, quando veio para Portugal contratado para a officina de ourivesaria de Santos Leite, em Braço de Prata.

Foi nos trabalhos de esmalte, em que principalmente começou a revelar a sua aptidão e conhecimentos artisticos. Era o esmalte por essa epoca (1820) feito a buril, Gerard operou a sua completa transformação, introduzindo o systema de cunho, o que teve grande alcance economico.

Logo que terminou a escriptura que tinha feito com a referida casa, foi Gerard convidado para os trabalhos do Banco de Lisboa, e depois de Portugal, do qual foi, durante muitos annos, gravador effectivo, e para o qual depois trabalhou nos periodos convenientes.

Quando o seu bello trabalho das notas gravadas em cobre entrou no dominio do publico causou geral admiração, e Gerard foi desde logo notado entre os artistas de maior renome.

Pouco depois o Banco do Porto convidava Gerard a ir áquella cidade, fazer trabalho semelhante com relação ás suas notas, e não obstante a perfeição da execução d'elle e os incommodos maiores da jornada, por não existir ainda caminho de ferro, foi considerada tão modesta a conta que Gerard apresentou da importancia do seu trabalho (400\$000 réis) que a direcção do Banco julgou devesa dobrar, gratificando o eximio artista com 800\$000 réis.

Nunca mais lhe faltou trabalho, e a carreira do artista acha-se assignalada em todos esses cunhos de caracter mais ou menos official.

Todas as chapas necessarias para a Junta do Credito Publico, gravadas em cobre, sellos em relevo para varias dignidades ecclesiasticas e secretarias.

A direcção da casa da moeda convidou-o por vezes para coadjuvar os trabalhos de gravura, apresentando bellos modelos de estampilhas.

São do seu buril as medalhas da inauguração do caminho de ferro de Leste, que reproduzimos hoje em gravura, das Academias das Bellas Artes de Lisboa e Porto, de D. Maria II ao merito, da Associação dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, da Exposição Internacional do Porto, para premiar os expositores, da Real Associação Naval, da Exposição Agricola do Porto e outras de grande merecimento artistico.

Era academico de merito da Academia das Bellas Artes de Lisboa, e fôra premiado com a medalha de prata da Exposição do Porto.

Seria longo especialisar os trabalhos de Gerard, e foram precisas muitas pesquisas, que a escassez do tempo não permite, para agrupar todos os gravados sahidos do seu buril.

Causará decerto, assombro saber que dois mezes antes do seu fallecimento ainda gravava tanto em cunho, como em cobre, e são suas ultimas obras, a medalha que, muito instado, fez para a Sociedade Promotora do Apuramento das Raças Cavallares, e uma chapa de cobre para bilhetes de visita do sr. Serzedello Junior. Estes trabalhos desempenhados com precisão, nitidez e segurança na avançada idade de 86 annos eram e são admirados dos proprios artistas.

Decano dos gravadores em metal o eminente artista era para todos os novos artistas, um guia seguro, um mestre benigno, um pae cuidadoso. Quem precisasse do seu ensino, do seu conselho, recorrendo a elle, estava seguro de o encontrar são, benevolente e prestadio; elle explicava-lhe os segredos da arte, elle retocava-lhe os seus trabalhos, prodigo sempre do seu saber, do seu genio artistico.

Era um perfeito cavalheiro, e como artista para os seus irmãos, ou melhor para os seus filhos e discipulos na arte desmentia o nosso proverbio que diz que «o teu maior inimigo é o official do teu officio.»

Mas Gerard, nem exercia officio, nem era um artifice, era artista, e exercia nobremente a sua arte.

Os artistas choram-n'o todos e este é o seu melhor brazão.

A COROAÇÃO DO CZAR

(Continuado do numero antecedente)

Dissemos que dentro do Kremlin havia tres cathedraes, a maior das quaes é a da Assumpção, onde se celebra a coroação dos czares. O seu estillo é puramente bysantino e foi construída pelo architecto Aristoteles Fioravente.

Segundo Tissot o iconotasco da Assumpção é uma muralha deslumbrante de ouro lavrado, obra em que o ouro, as perolas, os diamantes e outras pedras preciosas foram empregadas com fabulosa profusão.

N'esta muralha estupenda acham-se collocadas imagens milagrosas, de antiguidade bem recuada. De Novgorod, Paikof, Kiew e Constantinopla foram para alli transportadas algumas santas virgens de olhos negros e tez morena, que haviam pertencido aos grãos-duques. Bordados magnificos, largos festões de topazios, esmeraldas e rubins entresachados de flores de colorido vivissimo, difundindo refulgente brilho, se divisam e admiram sobre os seus mantos e dalmaticas de ouro.

O colar que adorna o collo da virgem milagrosa de Vladimiro avalia-se em 200:000 rublos, mais de 140 contos de réis, sobre a cabeça d'essa imagem ostenta-se uma coroa de ouro massivo na qual se encrustam esmeraldas do tamanho de uma noz.

É no palacio real, que fica dentro do Kremlin, que está a sala famosa, chamada de S. Jorge, onde os representantes de todas as classes sociais são apresentados ao czar logo depois da coroação. Tanto esta sala como as de S. André e de S. Alexandre de Newski são um primor de decoração no estillo nacional.

Apezar d'esta grande riqueza ainda ha que admirar no palacio imperial a serie de aposentos e apartamentos reservados para as czarinas, princezas, e senhoras do sangue real todos magnifi-

camente recheados de esplendidos moveis do seculo XVI.

A galeria de armas encerra preciosidades curiosas. O museu imperial entre muitas maravilhas encerra a cadeira de couro em que Carlos XII da Suecia se fazia transportar na batalha de Pultawa, todas as bandeiras tomadas pelo exercito russo nas suas grandes campanhas, os uniformes dos principaes soberanos da Russia, as armas e até os chapkas ou gorros forrados de pelles e recamados de pedras preciosas que uzavam os primeiros czares da actual dynastia.

No arsenal vê-se o celebre e monstruoso canhão que tem 90 centímetros de diametro na bocca e que foi fundido em 1586. Estão alli tambem as peças tomadas aos francezes do exercito de Napoleão na celebre campanha de 1812.

Cinco portas dão sahida do Kremlin, mas uma d'ellas é objecto de uma reverencia tradicional, é a porta do Salvador. Por esta os homens não podem sair sem tirar o chapeo; o que a principio fora intenção piedosa e espontanea, acha-se hoje convertido em rigoroso preceito.

Sabindo do Kremlin dá-se em um grande largo chamado *Praça Formosa*, cercada de monumentos historicos e religiosos. Entre elles vê-se um grupo em bronze representando Susanene e Minem, chefes do movimento russo que expulsou os polacos de Moscow, e cujos nomes o povo hoje mais que tudo venera. D'outro lado ergue-se a *Lobnoie Miesto*, especie de varanda ou tribuna circular donde outrora os soberanos falavam ao povo. Mais alem está *Kitai Gorod*, e segue-se o bairro da Bolsa ou do Commercio.

Foi no dia 20 do mez passado que o czar e a czarina chegaram a Moscow.

Em torno do palacio imperial apinhou-se enorme multidão. Não sómente o facto da coroação a atrahia, mas as condições especiaes do partido revolucionario, e as ameaças que se haviam feito circular tornavam mais curiosa e palpitante a multidão.

Por isso quando os soberanos appareceram e se dirigiram ao palacio foram saudados por acclamações entusiasticas e estrondosas.

Um esquadrão de couraceiros da guarda e meio esquadrão de cossacos formavam a sua escolta.

O aspecto da cidade era deslumbrante; as janellas de todas as casas por onde passou o cortejo estavam adornadas de colzas e bandeiras; festões de flores entrelaçados de bandeiras adornavam as cupulas das egrejas, as torres e os monumentos publicos. Difficil era o transito pelas ruas porque a concorrencia do povo era espantosa.

Comtudo o trajecto da comitiva imperial desde o caminho de ferro até o palacio durou alguns minutos.

N'esse dia recebeu o czar os embaixadores extraordinarios que os diversos estados enviaram para assistir a este acto, dos quaes recebeu as credenciaes. A recepção não podia ser mais cordeal.

Imagine-se que brilhante cortejo não será o do imperador n'esta festa sem equal no mundo, quando se souber que alem dos embaixadores e altos dignatarios se achavam em Moscow para assistirem a ella os seguintes personagens: a rainha da Grecia, a Grã-duqueza Vera Constantinouna, duqueza de Wurtemberg, os principes Nicolau e Eugenio Romanowsky; a princeza Maria Maximilianowz de Baden; o principe Alexandre d'Oldemburgo; o duque de Edimburgo; o Principe Alberto da Prussia; o archiduque Carlos Luiz, de Austria; o principe Amadeu, duque d'Aoste, ex-rei de Hespanha; o principe Waldemaro, de Dinamarca; o principe Carlos, da Suecia; o principe Arnolfo, de Baviera; o principe Hermann, de Saxe-Weimar-Eisenack; o duque de Montpensier, infante de Hespanha; o principe Carlos, de Baden; os principes Henrique e Alexandre de Hesse; o principe de Saxe-Coburgo-Gotha; o principe Absussarned-Mizza-Izzed-Badulah, irmão do Shah da Persia; o principe Alexandre da Bulgaria; o principe Nicolau do Montenegro; os principes mussulmanos o Khan de Khiva, dois filhos do emir de Bukhara, um dos quaes está estudando em S. Petersburgo, os enviados de Samarkand, Turkestan Morv, Iokaia, Caucaso, Trauscaucasia, todos de sangue real.

Sendo impossivel alojar tão consideravel numero de principes e suas comitivas no Kremlin o governo russo alugou vinte e dois palacios particulares para este effeito, funcionando as

cozinhas de todos sob a direcção de um empregado da casa do czar.

Além d'isso cento e cincoenta carruagens haviam sido postas á disposição dos hospedes do imperador.

Dos pormenores e esclarecimentos que até aqui temos dado e dos mais que daremos d'aqui em diante se pode avaliar a grandeza e brilhantismo d'esta extraordinária festa.

(Continua)

R. M.

O THEATRO DA RUA DOS CONDES

(Continuado do n.º 100)

Do que eram n'esta epocha os actores e os theatros portuguezes, falla Francisco Alvim de Menezes no prefacio da sua tragedia *A Ambição*, impressa em Lisboa, em 1823. Eis as palavras que o escriptor dirige a uma senhora portugueza amadora de litteratura, a quem é offerecido aquelle artigo preliminar:

«Não vos fallarei dos nossos actores, pois não temos um só, nem no genero tragico, nem no alto cómico; no baixo alguns temos soffríveis, e sem duvida os não haverá em quanto se não estabeleça entre nós uma escola regular.

Que vos direi dos nossos theatros? d'estas casas de instructivo recreio, onde se reúnem todas as classes de cidadãos de um e outro sexo para verem recuar os tempos e ouvirem os mais famosos heroes da antiguidade fallarem de suas façanhas e de suas desgraças? Não temos mais de dois, o de S. Carlos e o de S. João, do Porto, que infelizmente desde que existem se acham occupados por actores estrangeiros que vivem e morrem cantando, e d'onde sae o espectador unicamente divertido pelo som da musica! Aos outros não posso chamar theatros: a sua pequenez, a sua defeituosissima construcção, pobreza, falta de accio e velhice, os tornam indignos de se entrar n'elles. Taes casas servem unicamente de dar pequenas farças á plebe, por um diminuto preço. Em Paris e Londres ha muitas d'estas casas, mas que servem só para este objecto, e onde se entra por o modico preço de tres ou quatro vintens.»

Apezar do mau tratamento que n'este prefacio, datado de 2 de maio de 1822, é applicado com justiça á Rua dos Condes, continuou o velho pardieiro a ser o primeiro theatro portuguez de declamação. Ali florescia a baixa comedia, em que se distinguiam principalmente a celebre actriz Florinda Benevenuto de Toledo e o actor Theodorico Baptista da Cruz, o *Theodorico velho*, como ainda hoje lhe chamam nos palcos, para distingui-lo de seu afilhado, o artista do mesmo nome, que não ha muito saiu do theatro de D. Maria II, depois de ter alcançado a reforma a que tinha direito.

Florinda foi uma actriz de admiravel intuição. Não tendo embora educação artistica, interpretava os diversos papeis que lhe eram distribuidos com uma perfeição surpreendente.

Dizendo-me isto o actor Rosa Senior, contou-me que a vira pela primeira vez n'um ensaio da manhã, na rua dos Condes. Florinda estudava o papel de mendiga do drama de Victor Ducange *Ha 16 annos ou os incendiarios*.

Depois da actriz proferir uma phrase, um artista que se achava com ella em scena dizia: «Deixem a velha que está tonta». Rosa, que entrava pela primeira vez n'um palco e que não conhecia a actriz Florinda, achou aquella velha tão natural e viu-a destoar em tanta maneira dos outros artistas, que acreditou no dicto e julgou que ella era alguma demente, que penetrara no theatro por acaso e que vinha interromper o ensaio.

É que Florinda, com o especial condão do talento superior, adivinhava o processo que só muito mais tarde foi adoptado pelos nossos artistas dramaticos: era natural, mas sabia fugir á monotonia e occultar sempre a sua individualidade na do personagem. Estas qualidades manifestava-as na baixa e na alta comedia.

Excellente mulher, deixou nos theatros tradição tão sympathica, como a da maior caracteristica d'estes ultimos tempos, a actriz Delphina, a quem todos os collegas chamavam carinhosamente a *avósinha*. Florinda era excessivamente nutrida. O seu rosto, deveras bonito, desmentia a opinião sustentada por muitos actores: que para uma cara ser comica, deve forçosamente ser feia.

Theodorico distinguia-se principalmente na farça. Menos notavel que Florinda, e reproduzindo ás vezes o seu trabalho de uma para outra

peça, apresentava-se, ainda assim, com tanta graça, e confiança em si mesmo, que se apoderava irresistivelmente da platéa. Os seus dotes physicos favoreciam-n'o muito na scena: cara excellente, avivada por uns bellos olhos.

Era tal o predomínio que elle tinha sobre o publico, que estando uma vez, conta-se, uma comedia a desagradar, e prevendo-se queda estrondosa; o director da scena pediu a Theodorico, que não entrava na peça, passasse ao menos pelo palco, para que os espectadores o vissem. O actor condescendeu. Tal effeito produziu a sua appareição, que a platéa já de bom humor, em vez de pateada, chegou até a dar applausos no final do acto.

(Continua)

Maximiliano de Azevedo.

O AMIGO VISCONDE

VIII

A porta do camarote abriu-se de repente. O visconde de Tagilde, apoiando uma mão na hombreira, chamou fóra o amigo:

— Chegas aqui?

Leonide muito pallida olhou para Alvaro. Dirigiram-se ambos para o fundo do corredor.

N'aquella espessa escuridão, Alvaro caminhava como um cego, hesitante, sobresaltado pelo receio de que o visconde o tivesse surpreendido de qualquer ponto do theatro falando com Leonide. Sentia bater o coração com violencia; e não lhe accudia uma explicação, que justificasse a sua deslealdade. Que deveria fazer? Cahir de joelhos aos pés do amigo trahido, e pedir-lhe perdão? Mas isso era um acto vergonhoso de covardia! Oh! a sua situação era um horror!

Afinal, o visconde parou, collocou uma mão no hombro do amigo, e pediu-lhe:

— Fazes-me um favor, Alvaro?

Alvaro estremeceu todo; e, com uma voz estrangulada, como se uma mão de ferro lhe opprimisse a garganta, respondeu:

— Que é?

Então o visconde, quasi em segredo, pediu-lhe que acompanhasse Leonide a casa.

— Eu não posso ir agora. Vaes tu. Fazes-me isso?

A estas palavras, Alvaro sentiu um alivio extraordinario! O seu peito dilatava-se, como se alguém o tivesse emergido do fundo do mar. Recuperou animo, e respondeu, duvidando ainda de tanta felicidade:

— Mas, Luiz... é só isso?

— É isso. Vaes?

— Vou.

O visconde apertou-lhe a mão reconhecido. Quando voltaram ao camarote, Leonide já estava de pé.

— Não ficas até ao fim do ensaio? perguntou o visconde, da porta.

— Não — disse ella seccamente, abotoando a luva com um gancho do cabelo.

— Então vaes com o Alvaro para casa, sim?

— Tu não vaes? — tornou ella muito naturalmente.

— Já, não posso. Vou ás seis horas.

E estendeu a mão n'um *shah-hands* muito sacudido.

Quando ia já no meio do corredor, Alvaro sahio precipitadamente do camarote, chamando:

— O Luiz.

O visconde retrocedeu; e Alvaro, falando-lhe baixinho, pediu-lhe que fosse passar a noite a sua casa.

— Chegou o Nuno, conheces? Elle é primo de minha mulher — explicou Alvaro acendendo um charuto ao charuto do amigo — e vaes lá passar esta noite. Tu vaes, sim? Não faltas?

O visconde partiu. Alvaro ainda lhe gritou:

— Mas Luiz...

— Hein? — disse o visconde affastando-se.

— Sem cerimonia, ouviste? Sem cerimonia...

— All right! — ouviu-se ao longe.

Leonide estava prompta para sair do theatro.

— Vamos? — perguntou-lhe Alvaro quando voltou ao camarote.

— Prompta.

Á porta, parou um instante; e, erguendo ambos os braços sobre os hombros, espetou, atraz, no cabelo, o gancho com que abotoára as luvas.

Alvaro offereceu-lhe o braço. No fim do corredor iam muito callados, caminhando com cautella, adiantando a ponta do pé, em busca d'um degrao. Alvaro apertava-lhe muito o braço contra o peito.

— Por aqui — disse elle, vendo uma frouxa restea de luz, que entrava por uma fresta.

Como a carruagem os esperava á porta da rua dos Martyres, tiveram que atravessar o palco. Os comparsas abriam alas á sua passagem; e Alvaro a cada cantor conhecido que encontrava estendia logo a mão, sacudindo-a com um ar alegre e satisfeito:

— *A rivedere, caro.*— *Adio.*

A carruagem subiu desapercibidamente pelo Chiado, a passo, seguindo depois pela rua de S. Roque. Sómente, ao passar defronte do café Tavares, tres frequentadores que estavam fóra encostados á parede, n'um abatimento imbecil e mádrago, ao repararem nos stores corridos da carruagem, ergueram o nariz, com um ar de cão vadio que fareja, sorrindo maliciosamente para o cocheiro.

Quando Alvaro puxou pelo cordão da campainha, ouviu-se dentro o ladrado d'um cão.

— Ah! — exclamou Leonide — é *Ninette*.

E, apenas a criada abriu a porta, uma cadellinha branca, muito felpuda, saltou aos pés de Leonide, sacudindo o rabo, e ladrando raivosa contra Alvaro. Leonide levantou-a do chão, amimando-a e beijando-lhe o focinho; mas a *Ninette*, nos braços de Leonide, arremettia ainda contra Alvaro, rosnando; e, por entre os longos pellos humidos do bigode, surgiam os seus dentinhos brancos e afilados.

— Então — dizia Leonide, amaciando-lhe o pelo — Então, *Ninette*? É um amigo!

Alvaro foi sentar-se no sofá, enquanto Leonide, de pé, em frente do espelho, desatava as fitas do chapeo. Logo que ella veio sentar-se ao seu lado, passou-lhe um braço á cintura, apertando-a contra o peito. Leonide teve um ligeiro movimento de resistencia; mas, ao primeiro beijo, Alvaro sentiu-a toda abandonada nos seus braços, soluçando, com a cabeça pendida no seu hombro...

As cinco horas saiu da casa de Leonide. Logo que atravessou a rua, do passeio fronteiro olhou para traz, e viu apparecer entre os cortinados da janella a cabeça linda da bailarina, que lhe enviava um beijo na ponta dos dedos.

Seguiu depois triumphante, de cara alegre, com o peito ainda palpitando das caricias de Leonide.

De repente, lembrou-se de Valentina:

— Ah! que diria ella, se o soubesse!

Fez um gesto de hombros sacudido, para repellar tal idea. Todavia, desde esse momento foi caminhando mais lentamente com o ar abatido e sombrio de um condemnado, que arrasta atraz de si o peso da grilheta!

(Continua)

Alberto Braga.

EPIGRAMAS ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1787 — Junho 21 — É abolida a *Mesa Censoria* e substituida pela *Real Mesa da Commissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros*, que tambem foi abolida em 17 de dezembro de 1794, sendo substituido esse encargo pelo Santo Officio da Inquisição e Desembargo do Paço.

Casado Gerales diz que a *Mesa Censoria* foi abolida em 18 de janeiro de 1813!

1870 — 22 — É creado o *Ministerio da Instrucção Publica*, extinto pela carta de lei de 27 de dezembro do mesmo anno sendo a direcção de

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Onde não ha el-rei perde.

instrução publica tornada a incorporar no ministerio do reino.

Foi o primeiro e unico ministro da instrução publica, o primoroso escriptor D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo.

1880 — 23 — Estreia da Estudantina Portuguesa no antigo Colyseio de Lisboa.

1811 — 24 — Morre em uma casa, sita na rua dos Cardaes de Jesus, o poeta Nicolau Tolentino d'Almeida. Havia nascido em 10 de setembro de 1741. Foi o melhor poeta satyrico do seu tempo. Os seus sonetos são inimitaveis de graça e metrificacão, a sua phrase é sempre escolhida, vivaz e animada, e os quadros coloridos das mais vivas cores e das mais bellas nuances. E o poeta fidelissimo da sociedade do seu tempo.

1863 — 25 — Apparição, no theatro do Gymnasio do insigne professor hespanhol Limiñana. Recita de prestidigitacão, cartomancia, illusão, escamotagem e mechanismo.

Depois de Hermann e de Velle é o melhor professor de prestidigitacão que tem vindo aos nossos palcos.

1812 — 26 — Canta-se pela primeira vez no Rio de Janeiro a magnifica missa de officio de Marcos de Portugal, pelo 1.º anniversario do fallecimento do infante D. Pedro Carlos.

1880 — 27 — Estreia no Colyseio de Lisboa da afamada cantora Bianca Donadio.

Em outubro de 1831 esteve em S. Carlos onde se distinguio no *Barbeiro de Sevilla*, ao cantar na scena da lição umas variações de Proch.

1862 — 28 — Colloca-se a pedra fundamental do monumento a Camões, na praça denominada do Loreto, em Lisboa.

Foi a inauguração em 9 de outubro de 1867.

1874 — 29 — Inauguração do hypodromo em Belem, pertencente á sociedade *Jokey-Club*.

Gastou-se n'esta construcção 13:249\$600 réis.

1763 — 30 — Abertura inaugural do theatro de S. Carlos de Lisboa, para solemnizar o dia do nascimento da princeza da Beira, D. Maria Theresza, filha primogenita d'el-rei D. João VI.

Foram empresarios Antonio Lodi e André Lenzi. A opera foi *La ballerina amante*, de Cimara, desempenhada por Caporali, Cavani, Francesco Marchesi, Loreto Olivieri e Paulo Boschi, Pietro Guariglia, Rossi e Franchi. Os dois primeiros faziam os papeis de primas donas, em consequencia da prohibição das mulheres representarem em theatros publicos, posta pela rainha D. Maria I. O director da orchestra era Antonio Leal Moreira.

O theatro foi começado a construir em outubro de 1792, segundo o risco de José da Costa e Silva, e á custa de uma empresa composta do barão de Quintella, Anselmo José da Cruz Sobral (avô do actual conde de Sobral), Bandeira, Machado, Caldas e Sola, todos capitalistas do contrato do tabaco. Gastaram-se 165 contos.



AUGUSTO FERNANDO GERARD — Fallecido em 30 de Maio de 1883
(Segundo uma photographia de Gomes)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

HISTORIA DE JESUS PARA AS CRIANÇAS LREM POR Gomes Leal, Santos Valente & Faro, editores. Lisboa 1883. Um 8.º pequeno de 128 paginas em que se leem algumas poesias de deliciosa singularidade, e em que Gomes Leal revela uma nova

feição do seu talento. Parece que estas poesias, em que se descreve a vida de Jesus com toda a sua simplicidade, são dos primeiros trabalhos do poeta que, só agora os deu a publico, e esta circumstancia ainda mais confirma o talento do auctor.

DELENDIA ALBION, por Lusio, Empresa Bordallo Pinheiro, editora. Lisboa, 1883. 4.º grande de 16 paginas sendo duas com a dedicatória "Ao ill.º e ex.º sr. Luiz de Quilinan major do exercito portuguez addido militar á legação portugueza em Londres" e sete paginas de versos alexandrinos pareados regularmente construidos. O titulo allude á celebre phrase de Catão que rematava sempre os seus discursos dizendo — seja destruida Carthago; d'este modo a poesia acaba por onde devia começar, pois de certo não era depois de Albion destruida, que o mundo bradaria destrua-se Albion.

ESBOÇO BIOGRAPHICO DE OLYMPIO NICOLAU RUY FERNANDES, fundador e primeiro presidente da Associação dos artistas de Coimbra, por Eduardo Mendes, Coimbra 1883. Folheto de 24 paginas e uma com o retrato do biographado. Esta biographia foi primeiro publicada na "Officina" folha que se publica em Coimbra, e no folheto vem augmentada com um additamento contendo mais alguns documentos, o que tudo é perfeitamente coordenado pelo sr. Eduardo Mendes.

O INSTITUTO, Revista scientifica e litteraria. Vol. xxx segunda serie n.ºs 7, 8, 9, 10 e 11 com magnificos artigos sobre importantes assumptos, alguns dos quaes, são continuados de n.ºs anteriores a que já nos temos referido.

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ ILLUSTRADO etc. redigido pelos principaes escriptores, Henrique Zeferino de Albuquerque editor, Lisboa. Fasciculos 49 a 53 nos quaes se publica simultaneamente a letra B e a letra M.

Esta importante obra está sendo publicada com a maior regularidade o que é uma garantia da sua conclusão n'um determinado praso.

SEGUNDA CARGA DA CAVALLERIA, (replica ao padre) — Porto na Livraria de Ernesto Chardron 1883. — 8.º de 35 pag. — E o 7.º folheto da denominada *questão da Sebenta* e no qual o sr. Camillo Castello Branco responde ao folheto que noticiamos sob o titulo d'*Evasivas do sr. Camillo*.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, Lallemand Frères, Typ. Lisboa 6, Rua do Tesouro Velho, 6



MEDALHA COMMEMORATIVA DA INAUGURAÇÃO DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES, GRAVADA POR GERARD

EXPEDIENTE

do ALMANACH ILLUSTRADO do OCCIDENTE PARA 1884

Recebem-se n'esta redacção, charadas, enigmas, passa-tempos, etc. para serem publicados no ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1884.

Recebem-se tambem annuncios, mediante a tabella impressa na capa do almanach de 1882 e 1883, até ao dia 30 de junho do corrente anno.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1882 E 1883

Cada um \$200

VIAGEM Á RODA DA PARVONIA PELO COMENDADOR GIL VAZ

Um volume de 240 paginas illustrado por M. de Macedo \$500

A COMEDIA BURGUEZA

SAPATOS DE DEFUNCTO

Por Leite Bastos

EDIÇÃO DE LUXO

Um volume de 200 paginas illustrado por M. de Macedo \$600

CAPAS CARTONADAS

PARA ENCADERNAÇÃO DO

OCCIDENTE

A Empresa do OCCIDENTE tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do OCCIDENTE, 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.

Tambem se fazem encadernações com estas capas por 1\$200 réis.